

ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM CONDIÇÃO DE VUNERABILIDADE SOCIAL

Miriam Mendes de Aquino – UNIRONDON/UFMT

Rosemar Eurico Coenga - UNIRONDON

Resumo

Este artigo objetiva desvelar e compreender o retrato entre a fragilidade da infância vista pela ficção e pelas crianças de Rua de Cuiabá- MT, sob a orientação teórico-metodológica da fenomenologia inspirada em Merleau-Ponty com interlocução com elementos da *descrição densa* de Clifford Geertz que passa a compreender a forma como o entrevistado interpreta o mundo que o cerca. A etnografia foi o método eleito mais apropriado, pelo esforço intelectual voltado para uma descrição dessa, possibilitando as teias de significados, tecidas por elas em suas ações e o deslocamento no olhar do observador-pesquisador. Pauta-se o artigo no diálogo em torno da concepção “*freireana*” na construção da libertação das camadas empobrecidas, sob a Educação Libertadora: a autonomia e indignação. No estudo em questão foram utilizados observação, questionários e entrevistas com 10 crianças na periferia de Cuiabá-MT. Sob uma perspectiva literária, foi feita a análise de Lajolo sobre a marca social da infância no Brasil, e da figura infantil em algumas obras da literatura brasileira. As compreensões das duas realidades convergem em algumas constantes pela violência e hipocrisia social marcada pela constante exploração da infância brasileira.

Palavras Chave: Infância. Fragilidade. Indignação

Abstract

This article aims to uncover and understand the picture between the fragility of childhood seen through the fiction and the street children in Cuiabá-MT, under the guidance theory and method of phenomenology inspired by Merleau-Ponty with dialogue with elements of thick description of Clifford Geertz who comes to understand how the respondent interprets the world around him. Ethnography was the most appropriate method chosen by the intellectual effort toward such a description, allowing the webs of meaning woven by them in their actions and shift the gaze of the observer-researcher. Still guided by our dialogue around the design “*freirean*” in the construction of the liberation of the poor classes, under the Liberating Education: autonomy and indignation. In this study were used, observation, questionnaires, interviews with 10 children on the outskirts of Cuiabá-MT. From a literary perspective, was the analysis of social Lajolo on the mark of childhood in Brazil, and the figure of children in some works of Brazilian literature. The understandings of the two realities converge on some constant violence and social hypocrisy marked by constant exploration of Brazilian children.

Keywords: childhood. Fragility. Indignation.

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa reflete nossa preocupação com a necessidade de ampliar o debate sobre a forma de exclusão e abandono destacada na extensão das obras literárias feitas por Marisa Lajolo a cerca das fragilidades da criança vista pela literatura sobre a marca social da infância no Brasil, quão intensamente na fragilidade da infância vista pelas crianças em situação de risco, dada a relevância da desconstrução do pensamento excludente.

A primeira história descrita sobre um menino abandonado foi em 1554, em uma novela autobiográfica intitulada *La vida Lazarillo de Tormes y de sus fortunas adversidades* (Koller;

Hutz, 1996). O primeiro relato no Brasil sobre crianças abandonadas se deu no período colonial e na época da abolição da escravidão, apontando, para as condições de desfavoráveis sócio-econômicas da sociedade. O processo de escravidão desencadeado no Brasil deve-se à descoberta do país por portugueses, e seus interesses mercantilistas junho países baixos.

As estatísticas no Brasil têm nos mostrado que 75% de crianças em situação de risco vivendo nas ruas apresentam laços familiares quase inexistentes. Este quadro repete-se, com o agravante de que, apesar do grande número de problemas sociais que o país enfrenta sobre o entendimento em defesa contra a violência, a subjugação e a injustiça têm merecido pouca atenção dos pesquisadores diante da necessidade de ampliar conhecimentos nas pesquisas de interpretação fenomenológica das práticas socioculturais.

A realidade das crianças em situação de risco em Cuiabá/MT é um fato que retrata uma realidade de descaso por parte dos programas do governo federal, embora o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) promulga em seu artigo 4º:

“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”. (ECA, 1990).

A situação de vulnerabilidade pessoal e/ou social no quadro de exclusão observado agrava-se por ser negligenciada em confronto com o conhecimento racional dos alardeados dos tempos “modernos”. Essa fragilidade é firmada marcada em *Negrinha*, de Monteiro Lobato, porém, mais gritante quanto à violência com que a criança é submetida pelos adultos ou próprios pais, acabam por afastarem do convívio familiar, desestimulando-as a manterem vínculos com a família, com isso a rua passa ser sua nova moradia, e as crianças abandonadas acabam por sobreviverem dos furtos que fazem no seu cotidiano.

Diante da falta de perspectiva empreendida em viver com a família, a fuga se apresenta como uma das formas proporcionadas da liberdade imediata. Contudo, a tentativa de sair de casa submetidos a maus-tratos, rebelava-se principalmente contar sua condição de abandono e rejeição.

Vítima da violência, e mais ainda da hipocrisia social, símbolo de um Brasil cujas instituições reservam à elite a dominação sem peias ou freios, a infância dessas crianças são permeadas de horror do julgo dos detentores do poder, apesar de todo o aparato repressor em suas famílias, este não se manteve passivo. Mesmo humilhado, subjugado, agredido, reduzido à condição de “coisa” muitos sublevaram-se contar as condições impostas, em momentos de silêncios ou de heroísmos, como nos revela esse menino de apenas nove anos de idade, entrevistado por nós na periferia do Bairro CPA III, Cuiabá-MT “Tive que fugir numa noite escura de frio, para que nem mesmo os ratos me vissem”. A prática desse menino está associada a exclusão e abandono.

Um retrato da fragilidade da infância vista pela ficção.

Em História Social da Infância no Brasil (1997), os vários autores apresentam a imagem social da criança construída ao longo de mais de 100 anos, desde o século XIX até o século XX. Nessa trajetória, destaca-se a mais completas situação de miséria e humilhação em função da escravidão por meio de torturas, desde a exposição de crianças em praças públicas, como se fossem animais, até o colar de forçado duplo para castigar o jovem; a mortalidade infantil por maus tratos e a roda dos expostos para garantir o anonimato do expositor, evitando o aborto e o infanticídio.

Os projetos relacionados à infância “eram previstos ora como uma medida profilática à infância (“cidade dos menores”, que não se concretiza), ora presos a ideais republicanos no

início do século XX e às ideias positivistas decorrentes do século XIX, motivados por uma súbita valorização da infância”. (MONARCHA, 1997, p, 119). Ora ainda, ligados ao assistencialismo, evidenciando a construção da infância, no Brasil, diretamente associada à pobreza e à miséria, igualmente representada na literatura brasileira, segundo Marisa Lajolo.

Sob uma perspectiva literária, Lajolo, neste mesmo livro, que traz a marca social da infância no Brasil, faz uma análise da figura infantil em: Carta de Pero Vaz de Caminha (1500), Iracema (1865), de José de Alencar, Através do Brasil (1910), de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, no conto Negrinha (1921), de Monteiro Lobato, no poema Os meninos carvoeiros (1921), de Manuel Bandeira, Minha vida, um texto original de Carolina Maria de Jesus, transcrito em A cinderela negra (1994), de José Carlos Bom-Meihy e Robert Levine, e na música Pivete, de Chico Buarque e Francis Hime.

Todos esse textos denotam a fragilidade da criança sob uma perspectiva adulta, a começar por sua significação como sendo “aquele que não fala”, e que por essa razão é vista e definida “de fora”. A falta de voz dessa criança oscila entre uma visão “edênica” em Meus oito anos, de Casimiro de Abreu, com as saudades da “aurora da minha vida” em contraposição à de Mário de Andrade Piá não sofre? Sofre...Essa fragilidade se faz presente na fragmentação da visão da criança por Pero Vaz de Caminha, centrada na visão das “pernas” da criança no colo de sua mãe índia e na idéia do que poderia ser, um dia, a infância brasileira: “a perspectiva adulta, a visão embaçada por panos, o apagamento da sexualidade infantil”. (LAJOLO, 1997, p.230).

Também se faz presente nas outras representações, já que a criança é também usada como “artifício retórico” em nossa cultura, em livros como Viagem através do Brasil, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, presos à moda francesa (Le tour de La France par deux garçons), concretizando a promessa expressa no título do livro.

Essa fragilidade é firmemente marcada em Negrinha, de Monteiro Lobato, porém, mais gritante quanto à violência com que a criança é submetida pelo adulto branco e à exploração do trabalho e miséria, em Meninos carvoeiros, de Manuel Bandeira, e em Pivete.

Negrinha, a personagem-título, nascida na senzala, depois de órfã vive sob as ordens de dona Inácia, gorda senhora que fora dona de escravos e não se acostumara ao regime novo. Viúva e sem filhos, religiosa, transforma Negrinha em um receptáculo de “judiações e frenesis, beliscões, cócres, tapas, cascudos e pontapés” _ todos esses recursos que a aliviavam de suas raivas e indisposições, azedumes e queixas. A pobre órfã sofre os maus-tratos sem poder reagir ou compreender, tornando-se assim assustada e muda. Em certa ocasião, a maldade inclui um ovo cozido pelando de quente enfiado na boca da menina _ por ela ter chamado outra criada de “peste”.

Vítima da violência, e mais ainda da hipocrisia social, que não reservava aos negros libertos um lugar ao sol, Negrinha é símbolo de um Brasil cujas instituições reservam à elite a dominação sem peias ou freios, e às classes menos favorecidas o horror do jugo dos detentores do poder.

Diante desse irrefreado sadismo, supomos que o final será ainda mais chocante, com a senhora Inácia elevando suas maldades ao nível da perfeição, embora tenhamos dificuldade em imaginar o que poderia ser pior, ou mais cruel. Hábil no manejo da narrativa, Lobato inverte nossas expectativas, criando um final a um só tempo esperado e surpreendente.

Quando há a visita das sobrinhas de dona Inácia, louras e ricas, ela acaba permitindo, depois de uma resistência inicial, que Negrinha brinque com elas. Extasiada com a boneca de louça, Negrinha recebe a permissão de embalar e cuidar do precioso brinquedo. Dona Inácia apieda-se pela primeira vez. O resultado, porém, é trágico. Encerradas as férias, as meninas vão embora, deixando para trás a nova consciência de Negrinha, que agora sabia o que era brincar,

servir, vibrar. Sonhava com bonecas louras, que fechavam os olhos e diziam “mamãe”. E o sonho toma conta da sua vida, que por sua vez se revela pálida e triste. Embora dona Inácia já não a persiga tanto, a nostalgia a envenena, Negrinha pára de comer. E morre da mesma maneira que viveu: pobremente, sem atenção ou cuidado.

Em *Infância de papel e tinta* (1997), Lajolo destaca a infância na ótica de Lobato, que vê a criança como um ser capaz e inteligente, na medida em que ele traz assuntos de seus interesses em seus livros destinados à infância, sem menosprezar sua capacidade de compreender temas tão pesados como a guerra em *A chave do tamanho*, com o argumento de que criança necessita do mesmo alimento mental e moral que o homem, apenas em doses diferentes: “para adultos, uma colher de sopa, para crianças, uma colher de chá”. (RUSSEF, 1997, p.250).

Sob uma perspectiva histórica e social, *História das Crianças no Brasil* (2008), organizada por Mary Del Priore, resgata, pelos vários olhares dos diferentes autores, a história das crianças brasileiras, desde a época do Brasil Imperial, com a ação catequizadora dos jesuítas, até a contemporaneidade, marcada pela constante exploração e miséria do trabalho infantil em vários lugares do país.

A obra percorre cinco séculos de uma história repleta de tragédias anônimas, como a venda de crianças escravas, a sua exploração sexual nas embarcações e a exploração de sua mão-de-obra. Del Priore (2008), objetiva resgatar a imagem da criança por si mesma:

“A história da criança simplesmente criança, suas formas de existência cotidiana, as mutações de seus vínculos sociais e afetivos, sua aprendizagem da vida através de uma história que, no mais das vezes, não nos é contada diretamente por ela”. (DEL PRIORE, 2008. p. 14).

Isso significa “dar voz aos documentos históricos perquirindo-os nas suas menores marcas, exumando-os nas suas informações mais concretas ou mais modestas, iluminando as lembranças mais apagadas”. (DEL PRIORE, 2008, p.15), pela voz de médicos, educadores, padres, legisladores, um entrecruzamento de olhares sobre a criança brasileira tão fragilizada quanto maltratada pela miséria do século XVI, nas embarcações portuguesas, como “grumetes”, sujeitos não só à violência exploradora de seu trabalho arriscado e insalubre, como também do abuso sexual cometido pelos “marujos inescrupulosos”, dessas embarcações:

“Entregues a um cotidiano difícil e cheio de privações, os grumetes viam-se obrigados a abandonar rapidamente o universo infantil para enfrentar a realidade de uma vida adulta. Muitos grumetes eram sodomizados por marujos inescrupulosos [...] a pedofilia homoerótica era muito comum, permitindo supor que nas embarcações, ambiente onde até mesmo os religiosos costumavam tolerar atos considerados dignos de condenação à fogueira, tal prática era extremamente corriqueira”. (RAMOS, 2008, p. 27).

Os “aprendizes da guerra”, ou “pequenos protagonistas do mundo da miséria” constituem outra barbárie cometida com as crianças brasileiras recrutadas para lutarem na Guerra do Paraguai. Além de ser revelador de um padrão “ambíguo e arcaico” assumido pelo estado imperial, evidenciava a exploração da criança e o desrespeito para com a infância. Essa exploração se dava porque, além de serem pobres, algumas crianças eram órfãs, não tendo como negarem tal recrutamento. Outras, mesmo à revelia da família, que comungava com os padrões moderno da idéia de infância (daí o caráter ambíguo, citado anteriormente), querendo proteger seus filhos, não tinham como se libertar de tal violência

Em relação às famílias pobres, essas enviavam seus filhos à companhia de aprendizes, pelo fato de que não só recebiam um valor considerável em dinheiro, como também era uma maneira de a criança aprender um ofício, sem despesa alguma para a família, que não tinha mesmo bens materiais para dispor com a educação de seus filhos.

Os contos e romances da literatura brasileira trazem dados que contribuem para a compreensão da fragilidade da infância. De forma geral, tratam da exclusão e abandono, temas que se destacam em muitas obras literárias.

A INQUIETAÇÃO À INTERROGAÇÃO

Nos sentimos envolvidos e engajados por fazermos parte do processo de formação de professores num Centro Universitário em Cuiabá, MT e membro do grupo de Estudos O Grupo de Pesquisa em “Movimentos Sociais e Educação” (GPMSE), inscrito na Plataforma Lattes do CNPq desde 1993 (http://dgp.cnpq.br/diretorio/images/barrapb12set_r2_c3.gif), sendo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT, na área de concentração “Educação, Cultura e Sociedade”, linha de pesquisa “Movimentos Sociais, Política e Educação Popular”.

A realidade do fracasso, abandono e exclusão diante de nossos olhos fazem parte de nossas vidas, não conseguimos enxergar uma linguagem magniloqua, é quase impraticável aproximar a escola dessas crianças de rua. É o fosso social que separa os ricos dos pobres. A escola da criança.

Criança é imaginação é fantasia e pensamento. Por isso, ela tem direito a qualidade das experiências oferecidas que podem contribuir para o exercício da cidadania, o respeito à dignidade e aos direitos consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas.

Ao pensarmos em crianças situação de riscos, vemos a mortalidade infantil a injustiça e a subnutrição, assim, emergimos ao nosso mundo vida, e interrogamos: Como desvelar o cotidiano dessas crianças provenientes de família destruída pelos vícios, brigas conjugais, violência diversas em seus lares, de abandonos, fatalidades anteriores que acabaram levando seus únicos familiares ou pessoas próximas, e outros casos mais específicos cuja única saída, ou melhor, possibilidade deixada foi viver na dependência de si própria?

Assumindo uma postura que tem por base a hermenêutica, procuramos esclarecer o que o grupo particular dessas crianças faz e o significado das perspectivas imediatas que elas tem do que fazem.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa baseou-se nas orientações da pesquisa qualitativa, fenomenológica, tal como compreender Bogdan e Blikien (1984), Lüdke (1986), André (1986), Minayo (1994). Utilizamos a etnografia, interpretada por Geertz (1989; 2001), o que define a etnografia é o esforço intelectual para fazer uma descrição densa, ela requer uma observação participante contextualizada, alicerçada em conhecimento teórico e específico sobre o universo de estudo.

Conforme Passos (2003, p.225),

“Na descrição densa não se busca universalidades, generalidades, constâncias e permanências. Busca-se, sim, singularidades, guardando o sentido de que o singular precisará ser confrontado com a universalidade. Esse singular circunscrito na universidade aporta um sentido inédito à totalidade, antes vista como homogeneidade, persistência e repetição”.

No que se refere à fenomenologia seguiremos Merleau-Ponty (1971). É, pois, na intersubjetividade, ou seja, na interseção das experiências entre os indivíduos, que o mundo fenomenológico encontra sentidos (MERLEAU-PONTY, 1994). Ainda, pautaremos nosso diálogo em torno da concepção “freireana”, na construção da libertação das camadas empobrecidas, sob foco da Educação Libertadora: a autonomia, a indignação.

Com isso, a interlocução Com isso, a interlocução entre Merleau-Ponty e Geertz também se fez necessário nesta pesquisa por entender que não atingimos o mundo e objeto sem aproximação com a linguagem, posto que a linguagem é também representação dos objetos, e não os próprios objetos por ela representados, pois a entendemos como suporte de nossas atividades humanas, que mediatiza como sujeitos históricos, políticos e culturais.

Na perspectiva de produzir conhecimento provisório hermenêutico sobre o fenômeno observado, sem limitar na interpretação de dados e tabulações, permitiu-nos conhecer interpretar novos procedimentos que foram adaptados às situações apresentadas quando estávamos ouvindo as falas dos meninos e analisando as obras literárias.

Foram feitos estudos teóricos durante todo o processo de coleta como de análise dos dados. Utilizamos uma variedade de estratégias e técnicas, dentre elas:

- elaboração do roteiro de observação;
- entrevista;
- registro em caderno de campo;
- transcrição dos relatos;
- organização dos dados;
- análise compreensiva.

Dessa forma conseguimos interrogar o fenômeno, colocamos em suspensão e esperamos para ver como ele se desvelaria para nós.

DESVELAMENTO DA PESQUISA

Em face às guisa de síntese, a partir da análise hermenêutica, por meio da linguagem os meninos de rua se expressaram espontaneamente em torno de suas vivências e do seu cotidiano.

Foram entrevistadas dez crianças oriundas de classe social e econômica desfavorecida, que passam o maior tempo em situação de vulnerabilidade social em um bairro de Cuiabá denominado CPA III, situado a 40 k do centro da cidade.

Os sujeitos da pesquisa possuem entre nove e 15 anos, são crianças em desenvolvimento, apesar das dificuldades que encontram no ambiente invasivo, hostil e desumano, ampliando em cada situação estratégias para lidar com a vulnerabilidade em que se encontram no lado afetivo, emocional social, físico e cognitivo.

Considerando-se as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças em situação de risco, a qualidade das experiências vividas tem contribuído para a construção de sua própria autonomia.

Dos dez entrevistados, a revelação mais conturbada foi apresentada por quatro meninos, que se declararam usuários de drogas ilícitas permanente. Essas crianças são oriundas de famílias de usuários de drogas, marcados por inúmeras violências, tais como: estupro, agressões físicas e psicológicas. Relataram terem sido acordados pela manhã quando moravam com seu pai, aos gritos e pancadas na cabeça e lançamento de objetos cortantes. Por esta razão, eles argumentaram ser mais saudável morar nas ruas do que no próprio lar, e que por razão nenhuma voltariam para suas casas. Por outro lado, confirmaram que a vida deles é muito curta, e que esperam a morte de forma mais automática possível.

O traço que alivia a dor e o sofrimento tendo a droga como substituto das carências, é apontado por FREIRE (2000, p.23):

“Com a vontade enfraquecida, a resistência frágil, a identidade posta em dúvida, a auto-estima esfarrapada, não se pode lutar. Desta forma, não se luta contra a exploração das classes dominantes como não se luta contra o poder do álcool, do fumo ou da maconha. Como não se pode lutar, por faltar coragem, vontade, rebeldia, se não se tem amanhã, se não se tem esperança. Falta amanhã aos ‘esfarrapados do mundo’ como falta amanhã aos subjugados pelas drogas”.

A vontade dos meninos de sair dessa vida é narrada e materializada muitas vezes pelas fantasias de extrema expressividade de ter casa, cama e comida, momento de comportamento ingênuo no outro por conta da inoperância das políticas públicas para o menor no país que revela a situação social real.

Diante dessa análise Freire nos encoraja a lutar pela educação que liberta as pessoas provocando-as para sentirem esperanças. Elucida Paulo Freire (1996, p.29),

“É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser da esperança que, por ‘n’ razões, se tornou desesperançado”.

Vimos, então, que a esperança produz sentido às razões que imobiliza a infância sofrida desses meninos. Porém, pode ser refletida por nós educadores, pois, a situação desumanizante é anunciada pelo pensamento de Freire (1996, p. 27), de que:

“A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético. Não há nesta boniteza ligar para a negação da decência, nem de forma grosseira nem farisaica. Não há lugar para puritanismo. Só há lugar para pureza”.

Se considerarmos a fala desses quatro meninos, que não esperam nada da vida, o corpo como referência para a compreensão da linguagem se perde. Porém, a reflexão que fazemos em relação à falta de preservação pela vida do próprio corpo quando meninos relatam que sua vida é breve. Esclarece Merleau-Ponty (1999, p. 510), o corpo é o “meu ponto de vista sobre o mundo” ele cria significações no mundo.

Percebe-se que na concepção “merleauPontyana” essas crianças ao olharem para seu próprio corpo tece o ocultamento do desejo, através dos olhos do outro, pois elas não conseguem vislumbrar um mundo melhor. Ou seja, Merleau-Ponty (1994) constata que a atitude originária do corpo, exige idealizar que as ciências e as verdades do dia-a-dia possuam um caráter relativamente derivativo da percepção. Ou seja, sua exposição do vivido, situado em muitos momentos na corporeidade, determina nelas um atributo estruturante da ficção e da realidade vivida por essas crianças em condição de vulnerabilidade social.

Os demais sujeitos entrevistados apontaram sua trajetória de vida marcada por conflitos familiares e exclusão social, porém, não se declararam usuários de drogas ilícitas. Estas crianças não cogitam o retorno à família, uma vez que consideram a sobrevivência em seus “supostos lares” mais difícil e exigente do que a permanência na rua. Segundo os relatos em casa assumiriam a responsabilidade pela “criação” dos irmãos e mesmo a participação do sustento da família.

Um ponto que diferencia o primeiro grupo de entrevistados citados deste último é o modo como enfrentam a própria sobrevivência: os primeiros desesperançosos e os últimos talvez sem plena consciência.

A atitude fenomenológica de Merleau-Ponty acende a probabilidade de desvelar que a chave da relação dessas crianças com o mundo é a teia de significador que define suas identidades e que todo conhecimento é um processo sem fim. É por isso, inconcluso.

Encontramos distância entre a Pedagogia “freireana” e as temáticas ligadas as condições de vulnerabilidade dessa infância, porque o fazer pedagógico-político está disjunto do fazer político-pedagógico, isto é, a organização de classes se distanciou da reinvenção da sociedade.

Quanto aos meninos em situação de risco, suas vidas são marcadas pelo corpo, que sofre, sangra que não é lúdico, que recebe os maus tratos sem poder reagir ou compreender, tornando-se assim muitas vezes assustados e mudos. As brincadeiras nas ruas são quase todas agressivas. O conceito de trabalho é furtar diariamente para a própria sobrevivência e para seus companheiros de jornada, figura importante para a defesa do grupo, digamos familiar.

Outro componente importante que fixam as crianças nas ruas é a convicção de não quererem jamais voltar para os lares agressivos que tinham, pois, hoje eles adquiriram a autonomia de seus atos e dores. Este espaço, ora desumano, ora fundamental para a construção de identidade, é o lugar ideal para sua própria defesa pela liberdade. Que liberdade é essa?

Para FREIRE (1999, p.18):

“A liberdade que, desde cedo, veio aprendendo, vivencialmente, a construir sua autoridade interna pela introjeção da externa é que vive plenamente suas possibilidades. As possibilidades decorrem da assunção lúdica, ética, dos limites e não da obediência medrosa e cega a eles”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o olhar da criança na literatura ficcional por Marisa Lajolo a cerca das fragilidades da criança vista pela literatura sobre a marca social da infância no Brasil, quão intensamente na fragilidade da infância vista pelas crianças em situação de risco, dada a relevância da desconstrução do pensamento excludente, encontramos crianças vitimadas pela violência e hipocrisia social, que não reserva a eles a possibilidade do sonho de devaneio e da imaginação criativa.

O presente artigo pode desvelar a realidade das crianças em situação de risco em Cuiabá/MT, constatando se tratar de uma realidade de descaso por parte da sociedade. Do ponto de vista da formação permanente de educadores está pesquisa contribui para a construção responsável de ações de desalienação e emancipação nas práticas pedagógicas formais e não formais, para inserir essas crianças e adolescentes em condições de vulnerabilidade social na sociedade, compreendendo que a educação é ação política.

A fim de melhor compreensão sobre a fluidez de como o corpo se redimensiona a compreensão do objeto de pesquisa apoiou-se nos estudos de Merleau-Ponty (1996) e desvelamos que o significado do corpo para as crianças foram amputado pelo sentido da vida por romper a relação com a vida, com a sociedade, a família e consigo mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, contexto e significativos: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 45, p. 66-71, maio 1983.

BOGDAN, R, BLIKEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto editora, 1994.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

CERTEAU, Miguel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 de jul.1990. Disponível em: <http://www81.dataprev.gov.br/silex/paginas/33/1999/8069.htm>. Acesso em: 02 de jul.2010;

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

LONDOÑO, Fernando Torres. A Origem do Conceito Menor. In PRIORE, Mary del (org.). **História da Criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

LÜDKE, Menga, DALMAZO, Marli Elisa. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MONARCHA, Carlos. Arquitetura escolar republicana: a escola normal da praça e a construção de uma imagem de criança. In. FREITAS, Marcos Cezar de. (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In. DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

RUSSEFF, Ivan. A infância no Brasil pelos olhos de Monteiro Lobato. In. FREITAS, Marcos Cezar de. (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

VENANCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da guerra. In: DEL PRIORE, Mary. (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: editora Guanabara. 1989

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **O saber local**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986

KOLLER, S.; HUTZ, C. Meninos e Meninas em Situação de Rua: Dinâmica, Diversidade e Definição. In: **Aplicações da Psicologia na Melhoria da Qualidade de Vida**. vol. 1, nº 12, Porto Alegre: ANPEPP, 1996.

MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas**. Campinas: Papirus, 1990.

_____. **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. C.A.R. de Moura. São Paulo:

Martins Fontes, 1999.

PASSOS, Luis, A. **Processos educacionais em Aguaçu:** configurações do imaginário em diversidade culturais. Revista de educação pública, UFMT, 1994.